



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

A IMAGEM DO NEGRO EM *ÚRSULA* DE MARIA FIRMINA DOS REIS E A *A CANÇÃO DO AFRICANO* DE CASTRO ALVES

THE IMAGE OF THE BLACK MAN IN ÚRSULA BY MARIA FIRMINA DOS REIS AND A CANÇÃO DO AFRICANO BY CASTRO ALVES

Thayna Vaz de Oliveira (UEG)¹

José Elias Pinheiro Neto (UEG)²

Resumo: O romantismo brasileiro, mais que um movimento artístico e literário, também foi participativo nas construções das primeiras ideologias da nação brasileira recém-independente. Assim como o país buscava se legitimar frente à Coroa, suas literaturas também buscavam uma espécie de autenticidade. O objetivo deste artigo permeia em análises de cunho comparativo, nas representações da escravização oitocentista em literaturas brasileiras, com foco no romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, e o poema *A Canção do Africano*, de Castro Alves. Na tentativa de observar aproximações ou até mesmo diferenciações de como a imagem do negro e a representatividade de uma época escravista são abordadas nessas literaturas, se faz necessário a análise não só das obras, como também de seus escritores e o contexto em que estavam inseridos. Portanto, este trabalho está amparado sob a luz de teóricos como Antonio Candido (2002) e Abdias do Nascimento (2016), para compreensão do processo do romantismo no Brasil e a construção da imagem do negro e do racismo. É adotada uma abordagem qualitativa e interpretativa, nas quais, dentre das possíveis conclusões, entende-se que, por mais que literaturas tenha suas múltiplas diferenciações, a imagem do negro que foi trabalhada se aproxima de obras abolicionistas e expressando o poder da imortalidade literária, que perpassam o tempo e continuam estabelecendo significados.

Palavras-chaves: Romantismo. Escravizados. Literatura.

Abstract:

Brazilian Romanticism, more than just an artistic and literary movement, was also involved in the construction of the first ideologies of the newly independent Brazilian nation. Just as the country sought to legitimize itself vis-à-vis the Crown, its literature also sought a kind of authenticity. The aim of this article is to carry out a comparative analysis of the representations of slavery in Brazilian literature in the 19th century, focusing on the novel *Ursula*, by Maria Firmina dos Reis, and the poem *A Canção do Africano*, by Castro Alves. In an attempt to observe similarities or even differences in how the image of black people and the representativeness of a slave era are approached in these literatures, it is necessary to analyze not only the works, but also their writers and the context in which they were inserted. Therefore, this work is supported by theorists such as Antonio Candido (2002) and Abdias do Nascimento (2016), in order to understand the

¹ Mestranda em Literatura e Interculturalidade pela POSLLI/UEG. e-mail: thaynaoliveiravaz@gmail.com.

² Líder do Grupo de Pesquisa LINTERFACES CNPq/UEG. Doutor em Ciências Humanas (FFLCH/USP). e-mail: jose.pinheiro@ueg.br.



process of Romanticism in Brazil and the construction of the image of black people and racism. A qualitative and interpretative approach is adopted, in which, among the possible conclusions, it is understood that, although literature has its multiple differentiations, the image of the black man that was worked on is close to abolitionist works and expressing the power of literary immortality, which pass through time and continue to establish meanings.

Keyword: Romanticism. Enslaved people. Literature.

INTRODUÇÃO

Entendida a literatura não apenas como uma manifestação de arte, mas como o campo de domínio da imaginação em contato com a realidade, pode-se dizer, que a literatura tem como papel humanizador do homem, possibilitando novos olhares para sociedade e o mundo, desta forma, quando nos deparamos com obras literárias, seja poemas ou romances, dentre outros gêneros, é imprescindível associar a literatura como “[...] aquilo que todos nós não vemos porque esquecemos, a saber, a própria realidade” (Samuel, 1985, p. 179), partindo do princípio do esquecimento, como principal ferramenta para naturalizar uma determinada situação.

Ao naturalizar uma realidade, pode-se passar despercebido olhares críticos sobre determinadas situações, como também, sobre épocas e sistemas, contudo, a linguagem literária tem a possibilidade de redescobrir um universo paralelo, para aquilo que chamamos de tempo real, desvelando e recriando por meio de palavras que expressam por si mesmas. Sendo assim, a linguagem literária de forma geral se diferencia por meio de suas estruturas textuais, um poema se difere em muitos aspectos linguísticos de um romance, mas, se aproxima, no que chamamos de literariedade, exercendo seu caráter de presença criativa.

Desta forma, ao analisar obras sob perspectivas de uma literatura comparada, não se trata na elucidação de problemas e a finalização de algo, mas parte do pressuposto como um caminho para observar a literatura em seus diferentes aspectos de generalização ou diferenciação. Tania Carvalhal (2006, p. 86), exemplifica a literatura comparada em termos mais recentes e atuais, como o diálogo de articulações investigativas com o “[...] social, o político, o cultural, em suma, com a História



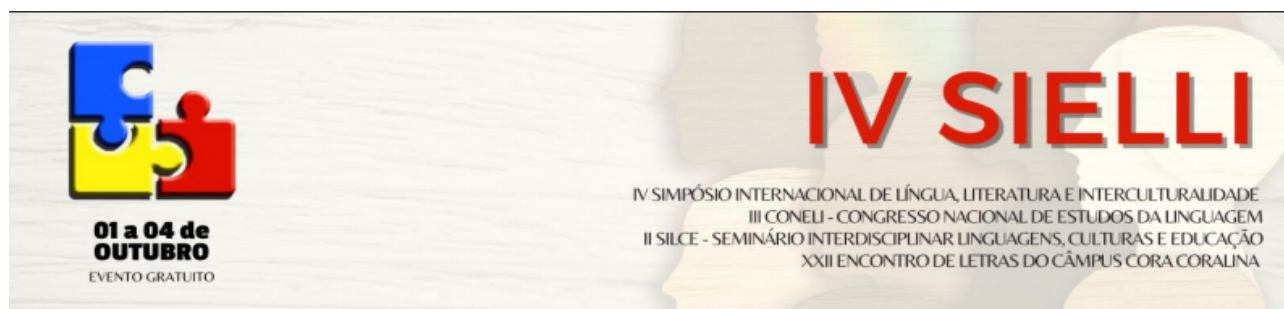
num sentido abrangente”, sua função de complementar e explorar o literário, reafirmam a grande área da literatura comparada.

Partindo desse pressuposto, o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis publicado em 1859 e o poema “A Canção do Africano”, de Castro Alves, publicado pela primeira vez em 1863, ambas construções são pertencentes ao romantismo brasileiro, contudo, uma era intencionalmente destinada ao esquecimento e outra para o renome ao longo dos séculos, são muitos os fatores que levam ao silenciamento, ainda mais em uma época tão paternalista e marcada pela escravização. No entanto, o que chama a atenção, apesar de se diferenciarem em aspectos de estruturas textuais, um sendo romance e outro poema, são as representações do africano, do escravizado e sua condição encontrados nessas obras.

Portanto, este artigo tem como principal objetivo discutir as imagens e representações abolicionistas do negro escravizado, tanto no romance *Úrsula*, como no poema “A Canção do Africano”, sob as perspectivas da escravização no Brasil, reflexos estes, da literatura de Maria Firmina, que buscava romper com o tradicionalismo europeu, apresentando a marginalização do outro por meio da identidade e da denúncia, em detrimento de outra manifestação artística, a de Castro Alves, que ainda se apoiava aos moldes imaginários elitistas e brancos do colonizador, sendo mais idealização do que a própria condição. Assim, pensando como ponto de partida e não de chegada, o ato comparativo contribui não apenas para os estudos literários, como também para a reflexão de uma sociedade literária oitocentista.

ROMANTISMO E OS ESTEREÓTIPOS DO NEGRO NO BRASIL

Muito se conhece a acerca do romantismo brasileiro, movimento artístico este que caminha lado a lado com as primeiras evoluções do país, frente ao desejo de independência no século XIX, a ardente busca pela autonomia, com influência da separação do Brasil com Portugal, foi expressamente manifestada nas produções artísticas de intelectuais da época, “[...] promover reformas necessárias para civilizar e modernizar o país segundo as ideias do tempo” (Candido, p.13, 2002), nas quais eram reflexos de idealizações de liberdade, como de pensamentos, da nacionalidade e o “fim” pela escravização.



Desta forma, o romantismo brasileiro, desde seu início estava incumbido de retratar aquilo que tinha de mais nacional, suas ideologias artísticas também eram reflexos da sociedade de sua época, um Brasil Imperial, marcado fortemente pelo sistema escravagistas, buscando se integrar como um país e não mais como uma colônia de Portugal, fortemente representado pela presença do branco e do homem europeu.

Mulheres, crianças e escravizados não tinham seus lugares de fala assegurados frente a uma sociedade tão paternalista, coisa tal, influenciava também nas produções e escritores de suas épocas. Antonio Candido (2002), nos reforça que quando pensamos em cânone do romantismo brasileiro, é inevitável não analisar apenas as obras, mas os autores e suas posições que foram fundamentais para a construção do que é considerado cânone literário ou não.

Partindo por esse pressuposto, na tentativa de analisar autores e obras românticas, observando o seu contexto e o seu tempo, o poeta Castro Alves e a escritora Maria Firmina dos Reis, se fazem necessários para análises de obras românticas abolicionistas no Brasil, mesmo que embora, seja trabalhada neste artigo brevemente sobre suas biografias.

Antônio de Castro Alves, mais popularmente como Castro Alves, poetas dos escravos, nasceu em Muritiba, Bahia, em 14 de março de 1847, e faleceu em 1871, filho de médico, fazia parte da classe média brasileira, desde muito jovem, teve interesse pela poesia, contudo é na década de 1860, que suas obras ganham maiores expansões com cunhos libertários, apesar de sua lírica erótica, o que leva em ascensão o poeta, são seus poemas abolicionistas que serão discutido mais adiante.

Entre as três gerações românticas que desenvolveram no Brasil, a primeira geração, dita como inaugural, configura os primeiros cânones literários, buscando a ênfase da arte local, como as obras de Gonçalves de Magalhães e José de Alencar, “[...] o indianismo, teve nele o momento de maior prestígio e, extravasando da lírica, chegou ao mesmo tempo ao romance e à epopeia, numa curiosa coexistência de arcaísmo e modernidade” (Candido, 2002, p. 48). Vale ressaltar que características de estereótipos já se faziam presentes nessas obras primárias, já que ainda estão imbuídos de pensamentos europeus, sem aberturas a lugares de fala da mulher, da criança e do negro escravizado.



Em outras perspectivas, a segunda geração romântica, dita como pessimistas e do extremo subjetivismo, tomam formas nas poesias melancólicas de Álvares de Azevedo e Junqueira Freire, dentre outros escritores. No entanto, é na terceira geração romântica, dita como *condoreira*, que surgem expressões artísticas, como em poemas e prosas, que buscam temas sociais, com ênfase, o negro escravizado, tal ênfase, que consagra Castro Alves, como o “poeta dos escravos”, Alfredo Bosi articula o poeta, como o “novo *epos* libertário” (Bosi, 2013 p. 126), reafirmando sua consagração ao longo do tempo. Entre suas primeiras publicações está o poema, “A Canção do Africano”, publicado pela primeira vez em 1863, no jornal *A Primavera*, poema este, *corpus* desta pesquisa.

Vale-se dizer que mesmo Castro Alves, pertencente a classe média do Brasil, suas obras ganharam mais notoriedade pela oralidade da declamação em centros abertos, do que propriamente lido pelas grandes elites, como enfatiza Antonio Candido:

A Campanha Abolicionista, que se configurou como grande movimento social do decênio de 1870, deu lugar à atuação de oradores que empolgaram o público, e talvez o prestígio de Castro Aves tenha vindo menos da leitura de seus textos em livros que dá declamação nos teatros e nas praças (Candido, 2002, p.77).

Assim, mesmo eternizado como um grande poeta, seus temas sociais não eram tão conclamados pelo grande público, por abordar temas delicados para a época, embora, suas representações ainda sim, sejam de negros escravizados de uma forma amena de denúncia. O que diferencia da escritora, Maria Firmina dos Reis, que não teve tão notoriedade enquanto literata e suas obras, a mesma, abordava a imagem do negro de forma não estereotipada como encontrada nas literaturas oitocentistas do Brasil.

Maria Firmina dos Reis, escritora forte e revolucionária, nasceu em São Luís do Maranhão, no dia 11 de outubro de 1825, primeira filha de João Pedro Esteves e Leonor Felipa dos Reis, reafirma seu lugar de fala e sua ancestralidade afro-brasileira, faleceu no dia 11 de novembro de 1917. Autodidata, Maria Firmina, por meio de seus esforços, alcançou lugares inimagináveis em sua época, como a aprovação no concurso de professora de primeiras letras, suas conquistas



fortaleceram na abertura de caminhos para outras mulheres pretas lutarem por seus direitos e espaços.

Candido (2002), enfatiza que a “democratização da literatura brasileira se consolida com o romance e a poesia do romantismo, a proximidade com uma linguagem acessível livre dos formalismos e das mitologias encontradas na Europa, dialogam com a acessibilidade dividindo também a literatura erudita da popular”. Partindo dessa concepção de novos discursos da diversidade, o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, publicado em 1859, sob pseudônimo, *Uma maranhense*, de certa forma, compõe a terceira geração do romantismo, a condoreira, ao retratar temas sociais, principalmente a marginalização e a escravização de homens e mulheres negras.

Distantes dos holofotes e do reconhecimento como escritora, Maria Firmina, ao longo de sua vida fez muitas contribuições artísticas e literárias, escrevendo poemas, contos, composições de músicas e afins, mas, diferentemente de Castro Alves, não é ovacionada no seu próprio tempo e além. Destinada ao esquecimento, seus registros se perderam, tornando-se desconhecida até o século XX, redescoberta apenas nas décadas de 1970 por Horácio de Almeida, que a partir de então, foram surgindo estudos e certo reconhecimento da autora e suas obras. Quando pensamos sobre a escravização no Brasil, Abdias do Nascimento enfatiza que:

No Brasil, é a escravidão que define a qualidade, a extensão, e a intensidade da relação física e espiritual dos filhos de três continentes que lá se encontraram: confrontando um ao outro no esforço épico de edificar um novo país, com suas características próprias, tanto na composição étnica do seu povo quanto na especificidade do seu espírito - quer dizer, uma cultura e uma civilização com seu próprio ritmo e identidade (Nascimento, 2016, p. 57).

Construção identitária esta, que prevaleceu a supremacia branca colocando em forma as normas hegemônicas e dominantes, influenciando na crença de uma raça ser superior a outra, como em questão, a branca em detrimento da preta, deste modo, se torna imprescindível compreender que o racismo parte de ideologias que se enraizaram nas concepções de classes dominantes, detentores do poder e da informação, repercutindo não apenas uma crença, mas a legitimação da escravização.

Pensar em um país como o Brasil, devidamente colonizado por europeus para fins de exploração, nos quais as terras brasileiras receberam milhares de escravizados africano, com um



regime altamente cruel e sanguinário, representa a conjuntura de um racismo estrutural que se torna ainda presente em tempos contemporâneos.

O movimento pelo fim da abolição e emancipação dos escravizados no Brasil era mais a título de pressão estrangeira, pois o trabalho escravo era visto como prejudicial a toda evolução social, no caso a sociedade branca, masculina e patriarcal. O movimento libertário não era pelo fato de oprimirem e violentarem homens e mulheres negras, pois, historicamente negros não eram vistos como indivíduos e sim como um capital, mais precisamente, eram vistas como meras mercadorias, mas de elevado valor comercial.

Era possível notar que esse movimento de abolição não passava de uma estratégia dissimulatória, para a manutenção de um *status quo*, uma tentativa de manter fortalecida uma sociedade paternalista, no entanto, com as primeiras leis abolicionistas, como: Ventre Livre (1871), Sexagenários (1885) e Áurea (1888), muito influenciaram em obras literárias da época, nas quais, muitas delas buscavam retratar sobre a escravização e o abolicionismo, majoritariamente, a construção imagética do escravizado negro, sempre seria de subalternização.

A aceitação burguesa foi um bom incentivo para criação de romances e poemas com essa estilística, o ambiente doméstico e a servidão passaram a ser complementos de personagens como criados, ama-de-leite, mucamas, representados por negros, mulatos, quase sempre dotados de poucas interações ou quase nada, sempre disponíveis a opressão e ao destino de seu senhores, reafirmando o que Abdias do Nascimento, teoriza sobre o estereótipo racial, “o branco elimina a imagem do negro na vista inclusão da família tradicional “o homem e a mulher negra só podem penetrar de forma sub-reptícia, pela porta dos fundos, como criminoso e como prostituta” (Nascimento, 2016, p. 76).

ROMANCE ÚRSULA EM CONTRAPONTO COM O POEMA “A CANÇÃO DO AFRICANO”

No romance *Úrsula*, obra bem característica do movimento romântico, pode ser observado a descrição da natureza e suas paisagens, a idealização do amor e exaltação dos sentimentos, entretanto, seu diferencial se baseia pela narrativa como meio de denúncias sociais, da escravidão,



da injustiça e violência sobre homens e mulheres africanas e afro-brasileiras, escravizadas ao longo de séculos no Brasil.

Ao retratar o drama vivido pela frágil Úrsula e sua doente mãe Luiza B. o romance desenvolve uma narrativa entrelaçada por uma disputa amorosa, mais precisamente um triângulo amoroso, entre o mancebo Tancredo, jovem estudante de direito que se vê traído pelo próprio pai, e pelo comendador P. grande possuidor de terras e de escravizados, que expressa muita euforia em seus sentimentos, contudo, o que diferencia esse romance dentre outros, são as narrativas de três personagens escravizados, como a velha Susana, o jovem Túlio e Antero. Personagens secundários, mas que possuem vozes dinâmicas e denunciativas dentre seus contextos escravizadores.

Semelhante a Maria Firmina, “A Canção do Africano” (1863), de Castro Alves, romântico da terceira geração, utiliza-se da memória como elementos para composição artística, assim como a velha Susana em *Úrsula*, que movida por um gatilho à remetia saudades de sua liberdade e tudo que deixou em seu país, utilizava da memória para fazer seu depoimento, “[...] mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro!” (Reis, 2018, p. 120), os escravizados em Castro Alves, evocavam também suas memórias por meio do canto:

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto o braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...

De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar...
E à meia voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez, pr'a não o escutar! (Alves, 1937, p. 50).

A denúncia das condições dos escravizados são contundentes, Castro Alves mais que resgatar a ancestralidade, também desejava denunciar as condições insalubres que homens, mulheres e crianças, passavam nas senzalas, mesmo não sendo um discurso direto, trabalhado em



terceira pessoa, as representações que são apresentadas relacionam com descrições de um espaço marcado pela dor e pela lembrança.

Por meio dos versos, Alves, procura fazer uma inversão de estereótipos que tinha sobre a mulher negra na época escravagista, apresenta então a maternidade, como um amor puro e protetor, que também estão presentes na obra *Úrsula*, por meio da preta Susana, “e aí havia uma mulher escrava [...] boa, e compassiva, que lhe serviu de mãe enquanto lhe sorriu essa idade lisonjeira” (Reis, 2018, p. 118), como no poema, a mãe que se preocupa com o filho para que ele não escute os relatos tristes de seu destino, busca demonstrar a figura da mulher escravizada, como amável e cuidadosa, diferente do imaginário presente na sociedade oitocentista, como a mulher negra, descuidada enquanto mãe, em sequência, no poema o canto memorial é evocado, como um tributo de saudade e esperança:

Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!

O sol faz lá tudo em fogo,
Faz em brasa toda a areia;
Ninguém sabe como é belo
Ver de tarde a papa-ceia!

Aquelas terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar...

Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro (Alves, 1937, p. 50).

De forma mais sutil do que em *Úrsula*, a saudade da terra deixada para trás também é expressa no poema, sabe-se que como força matriz, a cultura africana é referência na expressão pela oralidade, por muitos séculos, o continente africano foi rotulado pelos europeus como um continente sem cultura por não haver registro escritos, uma forma maldosa e europeizada, de



legitimar o discurso ocidental europeu, como superior, assim criaram estereótipos sobre o negro africano, de uma raça sem religião, sem cultura, sem passado e sem história.

Fugindo da complexidade, no romance observa-se que tanto preta Susana, como também, Túlio e velho Antero, acessam suas lembranças, não apenas para sentir saudades, mas como uma forma de manter viva a chama das tradições de sua terra, “[...] no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em eu tudo aí respira amor” (Reis, 2018, p.121). Após os escravizados efetuarem seu canto, nas últimas estrofes, Castro Alves de forma bastante verossímil, expressa o triste despertar dos negros para a realidade:

O escravo calou a fala,
 Porque na úmida sala
 O fogo estava a apagar;
 E a escrava acabou seu canto,
 P'ra não acordar com o pranto
 O seu filhinho a sonhar!

 O escravo então foi deitar-se,
 Pois tinha de levantar-se
 Bem antes do sol nascer,
 E se tardasse, coitado,
 Teria de ser surrado,
 Pois bastava escravo ser.
 E a cativa desgraçada
 Deita seu filho, calada,
 E põe-se triste a beijá-lo,
 Talvez temendo que o dono
 Não viesse, em meio do sono,
 De seus braços arrancá-lo! (Alves, 1937, p. 51).

O poeta, assim como Maria Firmina, apela para a simbologia de uma família africana, mesmo que de forma imagética ou não, os personagens possuem sentimentos familiares uns com os outros, essa irmandade e união representam a força de uma palavra tão cara para nossos dias de hoje, a alteridade, um *eu* que se cria a partir de *nós*, por meio das dimensões sociais, assumir o discurso do outro, como forma de representar um todo, para que não sejam esquecidos.

Assim como os escravizados de Castro Alves, que entendem sua condição de cativo e se resignam, sem se rebaixarem aos estereótipos do negro violento, baderneiros, preguiçosos, Maria Firmina busca, por meio de seus personagens, secundários, a aceitação, observa-se em um dos



relatos de Susana, “[...] e eu sofri com resignação todos os tratos que se davam a meus irmãos. E eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça.” (Reis, 2018, p. 123).

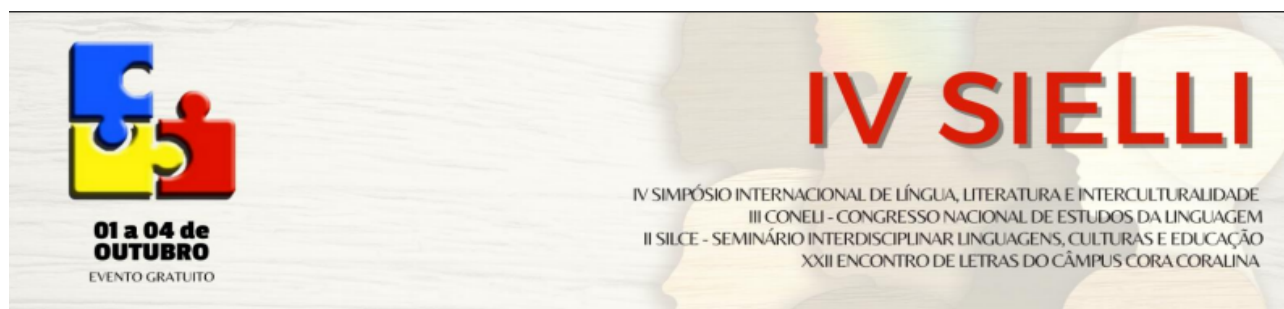
Tanto em *Úrsula*, como em *A Canção do Africano*, a denúncia da violência é explícita, as memórias são a forma de se fortalecerem diante de tantas atrocidades, mas que ainda se resignam em suas condições, visto que a liberdade realmente poderia ser alcançada quem sabe em outra vida, por mais que o abolicionismo ensaiasse movimentos de fortalecimento, a resignação de suas personagens refletiam seus próprios escritores, conscientes da luta, mas lúcidos de seu tempo.

Desta forma, resgatar poemas e romances, que almejam as múltiplas representações que a literatura pode fortalecer, reafirma os novos olhares para uma literatura distante da contemporaneidade, não pensando de forma anacrônica, mas caminhando com o contexto e o seu tempo, por mais que iniciais, as literaturas abolicionistas oitocentista são um grito de resistência denunciando não só a escravização que existia no Brasil, mas a criatividade e a coragem de romper barreiras por meio da escrita.

O esquecimento é determinante para construções de uma história unívoca, e partindo da perspectiva de que mulheres, e grupos subalternizados sempre foram destinados a esse apagamento, não seria surpresa pensar que Maria Firmina foram intencionalmente esquecida, suas obras se perderam ao longo do tempo, por não se enquadrar às características de um cânone. Castro Alves, teve sua notoriedade, mas ainda assim, sofreu um processo de embranquecimento literário, para que seus temas abolicionistas fossem aceitos, a enfática falsa ideia de uma democracia racial, talvez fosse determinante para que algumas de suas obras abolicionistas fossem aceitas para o cânone.

Assim, mesmo que ambas obras se diferenciem em muitos aspectos, ainda sim, abordam temas classificados como fraturante, amenizado ou não os relatos da escravização, não exime da história da literatura as suas importâncias e contribuições, pois, em cada particularidade toda literatura se faz necessária no processo de escrita, não para modificar uma realidade, e nem a retratá-la, mas para que em certo modo, possamos compreender o complexo processo de criação e manifestações de representações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Os apontamentos referentes ao romance *Úrsula* e o poema “A Canção do Africano”, demonstraram que apesar da diferença estrutural e de linguagem por serem gêneros diferentes, o tema abolicionista se faz presente nas duas obras. Maria Firmina se faz mais incisiva em sua narrativa como forma de denunciar as mazelas da escravização, no entanto, o processo de rememoração e a imagem do escravizado também se faz presente no poema, mesmo de forma mais simplificada.

O ato comparativo de certo modo elucida como diferentes criações literárias podem se aproximar ou não, as múltiplas representações da escravização no Brasil, encontradas nas obras discutidas, de certa forma se distingue do cânone central encontrada no romantismo brasileiro, apesar de Castro Alves ter sido mais conhecido e notável, suas obras também enfrentaram de certo modo uma resistência de aceitação na grande elite.

Portanto, desconsiderar uma obra em detrimento da outra não se faz necessário quando analisamos literaturas, e ao colocar luz a obras de séculos passados percebe-se que o contexto influencia na escrita, mas também possibilita novos olhares e movimento de vozes ditas marginalizadas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Castro. **Poemas revolucionários**. 1 ed. São Paulo: Jornal dos livros, 1937.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- CANDIDO, Antonio. **O Romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP. 2002.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4.ed. ver. E ampliada. São Paulo: Ática, 2006.
- NASCIMENTO. Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. São Paulo: Penguin classic companhia das letras, 2018.
- SAMUEL, Rogel (org.). **Manual de teoria literária**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.